

**FACULDADE PATOS DE MINAS  
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

**OLIVAR JOSÉ DIAS**

**REFLEXÃO ACERCA DA REDUÇÃO DE DANOS QUANTO AO USO DE DROGAS**

**PATOS DE MINAS  
2018**

**FACULDADE PATOS DE MINAS  
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

**OLIVAR JOSÉ DIAS**

**REFLEXÃO ACERCA DA REDUÇÃO DE DANOS QUANTO AO USO DE DROGAS**

Resenha apresentada à Faculdade Patos de Minas como requisito para conclusão do Curso de Graduação em Psicologia para finalidade de obtenção do título de Bacharel, podendo gozar dos direitos de Psicólogo.

Orientador: Prof. Me. Gilmar Antoniassi Junior

**PATOS DE MINAS  
2018**

FACULDADE PATOS DE MINAS  
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
Curso Bacharelado em Psicologia

**OLIVAR JOSÉ DIAS**

**REFLEXÃO ACERCA DA REDUÇÃO DE DANOS QUANTO AO USO DE DROGAS**

Banca Examinadora do Curso de Bacharelado em Psicologia, composta em 28 de junho de 2018

Orientador: Prof. Me. Gilmar Antoniassi Junior  
Faculdade Patos de Minas

Examinadora 1: Profa. Dra. Luciana de Araújo Mendes Silva  
Faculdade Patos de Minas

Examinador 2: Profa. Ma. Delza Ferreira Mendes  
Faculdade Patos de Minas

**DEDICO** este trabalho a estudantes e profissionais de psicologia e demais interessados neste tema.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por tudo o que tem me proporcionado.

A meus pais e demais familiares pelas várias lições que influenciam o meu modo de ser.

A meu filho Olivar Junior, pela compreensão de todas as vezes que tive que deixar de estar junto dele por motivos acadêmicos.

A minha namorada, amiga e companheira, Juliana Lima, que sempre esteve ao meu lado me motivando para superar as dificuldades.

A meus professores cuja dedicação e carinho fortaleceram meu aprendizado através do compartilhamento de seus conhecimentos, em especial, meu orientador Prof. Me. Gilmar Antoniassi Junior, pela riqueza de seus ensinamentos, sua forma impar de se relacionar com os alunos e, principalmente, pela excelência demonstrada em sua orientação neste trabalho.

Por fim, com enorme carinho e consideração, agradeço a todos(as) os(as) colegas de minha classe de Psicologia FPM/2013/2018, que através de um rico relacionamento e compartilhamento de conhecimentos, muito agregaram a meu aprendizado desde os primeiros dias de curso.

*E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.*  
Jesus Cristo

## REFLEXÃO ACERCA DA REDUÇÃO DE DANOS QUANTO AO USO DE DROGAS

Sodelli, M. (2016). *Uso de Drogas e Prevenção: da desconstrução da postura proibicionista as ações redutoras de vulnerabilidade* (2a ed.). Rio de Janeiro: Via Verita.

Por **Olivar José Dias<sup>1</sup>**  
**Gilmar Antoniassi Junior<sup>2</sup>**

### 1 CREDENCIAIS DE AUTORIA

Marcelo Sodelli é Graduado em Psicologia pela PUC-SP. Mestre e Doutor em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Membro fundador do Núcleo de Estudos e Temas em Psicologia (NetPsi), atuando na Área Clínica como Supervisor e Coordenador de Projetos Preventivos e Tratamento. Atualmente é Coordenador do Grupo de Pesquisa: Pensamento Fenomenológico e os desdobramentos na clínica psicológica e na educação (certificação CNPQ em andamento 2014-atual). Atua desde 2007 como Professor Assistente-Doutor do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Membro da Equipe de Fenomenologia. Desenvolve Atividades na área de Vulnerabilidade (Uso de Drogas) e também na área da Psicologia Clínica na Perspectiva da Fenomenologia Existencial. Atua, em três frentes de trabalho: Docência, Clínica e Pesquisa. Presidente da ABRAMD – Associação Brasileira Interdisciplinar de Estudos sobre Drogas (2010/2013).

### 2 APRESENTAÇÃO DA OBRA

A obra 'Uso de Drogas e Prevenção: Desconstrução da postura proibicionista às ações redutoras de vulnerabilidade', é um trabalho no qual o autor se desdobra na articulação de argumentos que possam embasar seu principal objetivo que é o de

---

<sup>1</sup> Concluinte do Curso de Graduação em Psicologia da pela Faculdade Cidade Patos de Minas (FPM). diasolivar@gmail.com

<sup>2</sup> Doutorando em Promoção de Saúde (UNIFRAN). Mestre em Promoção de Saúde (UNIFRAN). Docente do Departamento de Graduação em Psicologia da Faculdade Patos de Minas (FPM). jrantiassi@gmail.com

‘combater e extinguir a proibição ao uso de drogas’ e substituí-lo por modelo cujas premissas sejam inversas à proibição, tal como citado no comentário do Prof. Dr. Elisaldo Carlini, na capa da obra: “(...) investe pesadamente contra o modelo proibicionista” (...) “elabora em profundidade sobre um modelo de prevenção, chamando-o de Ações Redutoras de Vulnerabilidade,” (capa).

O livro contém 164 páginas divididas em 3 partes que relatam o início do relacionamento entre o homem e as drogas, abordando desde o surgimento e avanço da proibição, o modelo de intolerância e guerra contra as referidas substâncias, até chegar ao modelo das “Ações Redutoras de Vulnerabilidades”.

O autor traz inúmeros argumentos contra a citada proibição e ressalta que o modelo proibicionista é errado. Ele enfatiza sua tese ressaltando que o referido modelo deve ser extinto e substituído por um modelo cujas premissas não sejam direcionadas à abstinência total. Veja o que Sodelli diz: “(...) a abstinência e a metodologia amedrontadora não são as melhores estratégias preventivas (...)” (p. 16). O autor continua: “A aproximação com os pressupostos da Redução de Danos vem oferecendo a essa postura maior tolerância em relação aos variados modos de uso de drogas e, conseqüentemente, diferentes intervenções preventivas, tendo se originado daí o seu nome: “Prevenção que Convive com as Diferenças”” (p. 16).

Sodelli embasa sua tese em pesquisas, livros de outros autores, filósofos, tratados internacionais, dentre outros, sempre buscando persuadir o leitor a aderir às suas ideias.

Ao fazer uma atualização de conceitos e definição sobre droga, ele manifesta ser adepto da classificação das drogas em três categorias: ‘Estimulantes, Depressoras e Perturbadoras’. Defende ser possível compreender o uso de drogas por meio de quatro Padrões de Uso: ‘Uso experimental, uso ocasional, uso habitual, e, dependente’.

- Uso experimental: que é quando a pessoa experimenta a drogas pela primeira vez: “por mera curiosidade, por pressão do grupo,” busca experimentar substância que proporcione prazer, biológico e social;
- Uso ocasional: uso da droga se dá de forma esporádica, ou seja, em ocasiões específicas como em festas e shows musicais.
- Uso habitual: “este já seria um uso frequente, semanal ou até mesmo diário.” “Quase tudo é motivo para usar a droga.”



- Dependente: “as pessoas se sentem compelidas a usar drogas.” “A droga passa a ser o centro da vida da pessoa, pois quase todas as suas ações e pensamentos são direcionados em como conseguir aquela determinada substância, da forma mais rápida possível.” (p. 24 e 25)

De acordo com o autor, para melhor compreender a relação entre o homem e as drogas, é preciso considerar mais uma dimensão na qual os padrões de uso acima citados são associados a um dos modos de uso: Controlado, De risco e Nocivo:

- Uso Controlado: “maior capacidade de controlar a quantidade de uma substância no momento do consumo.”
- Uso de risco: “menor capacidade de controlar a quantidade de uma substância no momento do consumo, aumentando o risco de consequências prejudiciais à saúde.”
- Nocivo: mínima capacidade em controlar a quantidade de uma substância no momento do consumo, causando dano à saúde (p.25 e 26).

Ele aponta a necessidade de desconstrução do Conceito de escalada ou espiral que é: “a passagem do consumo ocasional para um consumo intenso, contínuo ou crônico”. “O termo é também usado em outro sentido, qual seja, da passagem de uma droga considerada menos prejudicial para uma droga que causa maiores danos à saúde do usuário” (p. 27). O autor ainda diz que “a escalada pode ocorrer; entretanto, a maioria dos usuários não entra neste processo” (p. 27). Por este motivo Marcelo Sodelli quer extinguir o conceito de escalada e substituí-lo pelo conceito de “Padrões de Uso” explicado nos parágrafos anteriores.

No final da p. 27 ao falar sobre a Veracidade das Informações nos trabalhos de prevenção, Sodelli diz: “nem sempre é possível transmitir uma informação de maneira mais direta e científica.” Mais adiante ele lembra o impacto negativo gerado pela forma errada com a qual, no início dos anos 80, foram transmitidas as informações sobre a AIDS. Segundo Sodelli, as informações foram repassadas de forma que as pessoas acreditaram que não corriam risco de serem contagiados com a doença por não pertencerem a nenhum dos quatro grupos sociais: “homossexuais,

profissionais do sexo, usuários de drogas e hemofílicos”, que, passou a ser conhecido como “grupo de risco ao HIV” (p. 29).

Ao falar sobre a ‘Proibição Ao Uso De Drogas’ o autor faz um ‘Breve Histórico sobre tal proibição’ e destaca a ocorrência desta nos Estados Unidos da América (p. 33). Sodelli começa destacando o impacto negativo gerado pelo sensacionalismo e alarmismo veiculado pela imprensa ao “divulgar as notícias sobre o uso de drogas,” (p.33). Afirma que “o fato de as drogas serem legais ou ilegais, ou alheias a qualquer desses aspectos, influi diretamente sobre sua produção, comercialização e consumo” (p. 33).

Ele relembra o início do século XX, quando a cocaína era vendida em farmácias e indicada como potente revigorante, sob o slogan: “não perca tempo, seja feliz; se você se sente pessimista, abatido, peça cocaína” (p. 33). Retoma que “na civilização greco-romana, a maconha era usada em festas de ricos como uma refinada substância recreativa, similar ao uso atual de bebidas alcoólicas mais elitizadas, ...” (p.34). Acrescenta que essa mesma civilização foi uma das primeiras a se preocupar com os excessos (bebida, alimento e sexo), porém, o excesso no uso do vinho era uma questão ética e não médica.

O autor destaca que os interesses da igreja, interesses econômicos e interesses de controle eram os que mais influenciavam as proibições impostas naquela época, tais como a Santa Inquisição da igreja católica, além da ‘Primeira e a Segunda Guerra do Ópio’ dentre outras proibições. Segundo os apontamentos do autor, no século XIX, o chá e o ópio chegaram a representar metade das exportações britânicas para a china. Em 1800 foi firmado o primeiro decreto proibindo o ‘consumo’ de ópio, mas nunca chegou a ser realmente respeitado. Em 1839, a China proibiu efetivamente a ‘importação’ do ópio. Sodelli reconhece que essa proibição na China foi ‘inicialmente’ decretada por interesses econômicos e não por razões morais ou sanitárias.

Em 1909 os EUA proibiram a importação do cigarro de ópio e, no mesmo ano, pressionaram representantes de doze países com colônias no Oriente e na Pérsia, a se reunirem na Conferência sobre ópio, em Shangai. Em 1911, os principais Estados do cenário mundial se reuniram em Haia, Holanda, na Primeira Conferência Internacional do Ópio. Nesta conferência a pressão e posição radical norte-americana ficaram mais explicitas e, nas próximas, se tornaram ainda mais intensas.

Sodelli destaca vários outros mecanismos proibicionistas que foram implementados nos anos seguintes. Tais como: a Lei dos Narcóticos de Harrison ocorrida em 1913 e 1914; a aprovação da ‘Lei Seca’ em 1920 que vigorou durante 13 anos; a criação da Agência Federal de Narcóticos (*FBN – Federal Bureau of Narcotics*) e da Administração de Alimentos e Drogas (*FDA – Food and Drug Administration*), ambas criadas em 1930 pelo governo americano como órgãos controladores. O autor alerta que a proibição da maconha nos EUA, no fim dos anos 30, foi fortemente influenciada por interesses econômicos; em 1945, a fundação da ONU tornou possível para os EUA influenciarem e pressionarem o mundo com sua política proibicionista às drogas.

“Em 1957, foi aprovado, no Congresso dos EUA, o (*Narcotics Control Act*), lei que abriu caminho para maiores intervenções policiais, fortaleceu medidas punitivas ainda mais severas que as anteriores e ampliou, ao máximo, a ilegalidade do consumo e a produção de drogas” (p.43).

Marcelo Sodelli aponta: “Sabemos que o controle da produção, distribuição e uso de drogas estão hoje com a ONU, por meio da Organização Mundial de Saúde (OMS). Este controle segue os acordos feitos pela Convenção Única sobre Entorpecentes, promovida em 1961 na cidade de Nova York, pelo Protocolo de Emenda à Convenção Única sobre Entorpecentes em 1972, em Genebra, e pela Convenção contra o Tráfico Ilícito de Entorpecentes e Substâncias Psicotrópicas, realiza em Viena, na Áustria, em 1988 (Maierovitch, 2003).” “(...) fortalecendo a política proibicionista no mundo, (...) até os dias atuais.” (p. 44).

Segundo o autor, “poderíamos dizer que a política proibicionista norte-americana chegou à sua expressão máxima na gestão presidencial de Richard Nixon (1969 a 1974), quando o problema de uso de drogas foi declarado como o inimigo número Um dos Estados Unidos, introduzindo a campanha conhecida de ‘War on Drugs’ (Guerra as Drogas)” (p. 47).

“EM 1998, no mês de junho a ONU promoveu uma Assembleia Especial, com objetivo de promover uma estratégia baseada em novo slogan (A Drug Free World – We Can Do It) - Um Mundo Livre das Drogas – Nós Podemos Construir” (p. 49).

O autor cita os vários casos, ocorridos em diferentes países, onde houve o rompimento com os ideais proibicionistas e pontua que em 2014, coerente com a postura proibicionista, em seu relatório anual, a ONU criticou a política de drogas adotada pelo Uruguai, e a adotada pelos Estados do Colorado e Washington.

Sodelli divide os modelos preventivos ao uso de drogas em dois grandes grupos sendo o da “Intolerância e da Guerra contra as Drogas” e “A Prevenção que Convive com as Diferenças” (p. 53). Ele foca seu estudo nas relações destas posturas com os trabalhos preventivos no âmbito escolar. Mantendo neste trabalho o nome do segundo grupo, Sodelli ressalta que não existe uma forma única de compreender a proposta de Redução de Danos, motivo pelo qual, para marcar essa diferença, manterá representado simplesmente este modelo como o citado nome.

Conforme o autor, o modelo da Intolerância e da Guerra contra as Drogas é uma extensão da política proibicionista dos Estados Unidos. Segundo ele, o modelo citado tem basicamente duas áreas de atuação: “Acabar com a produção, o cultivo e o tráfico de drogas no mundo e Acabar com o consumo de drogas ilegais no mundo” (p. 54). “Na perspectiva proibicionista, o uso de drogas é compreendido de maneira dualista, o Bem e o Mal, o Certo e o Errado” (p. 54).

O autor aponta pesquisas que concluem que a abordagem de Intolerância e Guerra contra as Drogas, é aceita nas escolas somente devido aos professores não se sentirem preparados e formados para o trabalho preventivo e por entenderem que não faz parte de sua função educativa, trabalhar esse tipo de prevenção.

Sodelli explica que o modelo da Prevenção que Convive com as Diferenças “postula que é impossível pensar uma sociedade sem drogas, que erradicar todas as formas de uso é ditar normas de comportamentos muito além do que é direito do Estado e das instituições” (p. 57). Na mesma página, logo em seguida, ele aponta que as vertentes de educação – por ele apresentadas – “sugerem que a postura do professor seja bastante diferente de um posicionamento opressor, policialesco e punitivo, herdado do modelo da Intolerância e Guerra Contra as Drogas” (p.57). “Dessa forma, preconiza que o professor se relacione com os seus alunos, ouvindo, respeitando, discutindo e permitindo as opiniões dos estudantes” (p. 57 e 58).

Para ele “um dos aspectos mais importante, do modelo por ele apresentado, é “o fato de, pelo menos, parcialmente, retirar do professor o peso e a responsabilidade da missão impossível de acabar com a experimentação ou o consumo de drogas entre os alunos” (p.58).

O autor aponta algumas das dificuldades encontradas na implementação de programas embasados no modelo por ele defendido, dentre as quais, ele cita: Primeiramente o fato de “a maioria dos professores defender a postura de proibição e abstinência em relação ao uso de drogas” (p. 59). Segundo: “Mesmo quando os

professores superam todas as preocupações e iniciam uma ação preventiva, assim que um fato não previsto acontece, tudo se torna motivo para a interrupção destas ações” (p. 59). Além destes, outro fator apontado são as “paralizações dos projetos, decorrentes das constantes mudanças na política-administrativa do governo” (p. 59).

Sodelli afirma: “Defendemos e argumentamos, de maneira explícita, a posição de que o modelo de Intolerância e da Guerra contra as Drogas deva ser banido das escolas, pois seus pressupostos são irrealistas e inatingíveis” (p. 60).

Na segunda parte da obra, ao falar sobre Diretrizes para a Prevenção ao uso Nocivo de Drogas, explanando seu embasamento na Compreensão Fenomenológica Existencial o autor ressalta que se limitará, exclusivamente, na discussão feita por Martin Heidegger, em sua obra ‘Ser e Tempo’, com objetivo de “ampliarmos nossa compreensão sobre o Homem e o mundo, no que tange, particularmente, ao uso de drogas” (p. 62). Marcelo Sodelli defende a existência de “outra possibilidade de compreensão sobre a relação do Homem com as drogas, que não fosse por meio da postura defendida pelo modelo da Intolerância e Guerra contra as drogas, a saber, um comportamento, exclusivamente, desviante, uma patologia” (p. 62).

O autor traz farta quantidade de citações Fenomenológicas ao falar sobre Fenomenologia do Uso de Drogas. Ainda aponta que o fio condutor do pensamento fenomenológico pode ser resumido pela radicalidade como apreende a experiência humana no mundo; a experiência balizada na existência; a existência fundamentada no cuidado; o cuidado ontologicamente determinado pela temporalidade. Reforçando sua tese, Sodelli defende a ideia de que “a força motivadora da vida humana é a busca que o homem empreende para dar um sentido à sua existência” (p. 65).

Mais adiante o autor diz que “O homem sabe que um dia virá em que ele não mais será ou existirá” (p. 66). Em outro trecho: ... “o homem é o único ser que é livre para realizar uma opção entre viver ou morrer” (p. 66). O autor também afirma que “temos sempre que escolher um modo de ser e, como tal, podemos falhar nessa escolha” (p.67). “O homem é sempre passageiro, lançado em um mundo e está sempre entregue à responsabilidade de si mesmo.” (p. 67).

Marcelo Sodelli afirma que na perspectiva da Fenomenologia e o uso de drogas, é impossível investigar a questão do uso destas separando-as do homem. Acrescenta também que as pesquisas sobre uso de drogas desenvolvidas com outros animais (ratos, macacos, etc.) podem servir para investigar “danos que uma

substância psicoativa pode causar a um determinado órgão de um animal e, a partir disso, aproximar estes resultados para o corpo do ser humano. Porém, o mesmo não pode ser pensado em relação à ‘experiência’ do ser humano com as drogas” (p. 71). Para Sodelli, “a experiência do ser humano com as drogas escapa das leis naturais que regem o mundo natural” (p. 71).

Em dado momento o autor questiona o por que é tão perturbador e difícil aceitar o uso de drogas como uma entre tantas outras possibilidades de alterar a consciência, proporcionando prazer ou diminuindo o desprazer. Ele mesmo responde que é indiscutível a resposta imediata de que o uso de drogas pode causar algum dano à saúde e pior, pode causar uma grave patologia, o fenômeno da dependência.

Nesse sentido ele aponta a existência de diversas outras coisas que também podem causar dano à saúde, e que, são aceitas. Destas, ele cita como exemplo a poluição e afirma que “ocorrem, por ano, muito mais acidentes fatais no trânsito do que em decorrência do uso nocivo de drogas ou de overdose, e, mesmo assim milhões de pessoas continuam utilizando diariamente seus automóveis” (p. 78 e 79).

O autor fala sobre o poder da mídia em influenciar o que as pessoas pensam sobre as drogas. Marcello Sodelli “critica a abordagem alarmista dada ao tema pela mídia e discute o quanto ela é responsável pela representação negativa que a sociedade acabou por construir do usuário de drogas” (p. 81).

Marcelo Sodelli comenta que os danos à saúde e a possibilidade de dependência não são exclusivos da relação do Homem com as drogas, mas que tais danos podem advir da relação do homem com todas as coisas do mundo.

Sobre ‘A Noção de Vulnerabilidade na Prevenção ao Uso Nocivo de Drogas, Conhecendo a Noção de Vulnerabilidade, Aproximando a noção de vulnerabilidade com a Prevenção ao Uso Nocivo de Drogas’; Sodelli tenta demonstrar os possíveis desdobramentos de uma nova possibilidade e utilização do conceito de vulnerabilidade, através da aproximação deste às áreas de prevenção, principalmente à área da educação. Para o leitor conhecer a noção de vulnerabilidade, o autor informa seu significado.

Nessa perspectiva o autor ressalta que “a noção de vulnerabilidade amplia a perspectiva da intervenção no que se refere à modificação da suscetibilidade de indivíduos ou grupos às doenças transmissíveis, ao considerar que sua ocorrência não depende, exclusivamente, das características individuais, mas,

fundamentalmente, de sua relação com componentes sociais e programáticos” (p. 93).

O autor cita que “o processo de disseminação da droga é decorrente do que ele denomina de equação triangular” (p. 94) que combina “três fatores: o produto (droga), o pessoal e o momento sociocultural” (p. 94). Mais adiante Sodelli afirma que a expressão ações redutoras de vulnerabilidade ao uso nocivo de drogas, “sinaliza que o trabalho preventivo deveria ter o objetivo de reduzir vulnerabilidades ao uso nocivo de drogas e não, a pretensão de acabar com o uso destas substâncias” (p. 101).

Sobre a origem da Redução de Danos, o autor afirma que esta se deu em 1926, “com as recomendações de um relatório interministerial” (p. 103) que “ficou conhecido como Relatório de Rolleston, e estabeleceu o direito de os médicos ingleses prescreverem suplementos regulares de opiáceos a dependentes dessas drogas,” em condições específicas. (...) “Porém, só no início da década de 80, na Holanda, é que os princípios da proposta de Redução de Danos (R-D) começaram a ser sistematizados em formas de programas” (p. 103). O autor lembra que o programa R-D “é uma política social cujo objetivo prioritário é minorar os efeitos negativos decorrentes do uso de drogas” (p.104).

Sodelli compara o modelo: ‘A Prevenção que convive com as Diferenças’, com as duas abordagens de R-D, e conclui que o modelo ante mencionado, não tem força suficiente para mudar a postura do professor, justamente, porque, no núcleo de seus pressupostos preventivos, está a concepção de que o correto é não usar drogas.

Ao falar sobre Redução de Danos na perspectiva da prevenção primária, o autor apresenta ideias e pressupostos preventivos, desenvolvidos com base na abordagem de Redução de Danos Libertadora, e cita os três modos de intervenção nos quais a prevenção pode ser dividida:

- “Prevenção primária refere-se ao trabalho que é feito com pessoas (alunos) que ainda não experimentaram, ou que estão na idade em que possivelmente pode se iniciar o uso de uma droga lícita ou ilícita” (p. 111).
- “Prevenção secundária tem como objetivo atingir as pessoas que já experimentaram ou que fazem um uso ocasional de drogas, com intuito de evitar que este padrão de uso se torne problemático ou abusivo (uso habitual)” (p. 111).

- “Prevenção terciária corresponde aos usuários que já apresentam problemas (uso problemático, uso habitual) e a intervenção preventiva é feita para que eles não cheguem à dependência” (p. 111).

Sobre diretrizes para um novo modelo preventivo, o autor apresenta em forma de tópicos, as principais ideias norteadoras para um novo modelo preventivo ao uso nocivo de drogas, iniciado a partir das discussões realizadas em sua obra, ora resenhada. Assim, ele agrupa as diretrizes conforme postula a noção de vulnerabilidade, em três âmbitos: individual, social e programático, tal como segue: “Diretrizes Individuais (formador e o formando)” (p. 119); “Diretrizes Sociais (contexto)” (p. 121); “Diretrizes Programáticas (políticas públicas, institucionais)” (p. 122).

Marcelo Sodelli fala sobre “Escola, Formação de Professores e Prevenção” (p. 125). Discorre sobre os “projetos preventivos na escola: um olhar crítico” (p.126), onde faz um paralelo entre AIDS e Uso de Drogas, ressaltando que somente após o início dos anos 80 a questão do uso de drogas se intensificou após ter sido constatada, cientificamente, a íntima relação entre o compartilhamento de agulha/seringas feito pelos Usuários de Drogas Intravenosas (UDIs) e a real possibilidade de contaminação do HIV / AIDS.

Sodelli afirma que em pesquisa sobre projetos preventivos à AIDS e ao uso nocivo de drogas, desenvolvidos nas escolas públicas brasileiras, há um predomínio de ações preventivas em forma de palestras, realizadas, principalmente, por agentes extraescolares, como médicos e policiais, e, quando o trabalho é feito pelo próprio professor da escola, muitas vezes, se vincula às disciplinas específicas (biologia e ciências).

Sobre a “formação de professores e a Prevenção ao uso nocivo de drogas” (p. 131), o autor destaca “a descontinuidade/interrupções dos cursos de formação, a dificuldade em reunir o corpo docente da escola para a realização do curso, o receio do professor em discutir o tema drogas com os alunos” (p. 131).

Marcelo Sodelli faz críticas ao que ele entende como sendo erros na formação e linhas de atuação dos professores, ao mesmo tempo em que aponta o que ele entende como sendo o caminho correto a ser adotado. Sobre o Momento de Transição: LDB e diretrizes curriculares nacionais, o autor reforça suas críticas ao modelo proibicionista, e, enaltece a necessidade de substituí-lo pelo modelo de Redução de Danos Libertador.



Outro ponto importante apontado pelo autor é a necessidade de valorização da profissão de professor. Sodelli cita que, para ter maior valorização, autoestima, ânimo e bom desempenho para trabalhar, a categoria necessita alcançar bom salário, carreira e condições de trabalho dignas.

Sobre a aproximação de sentidos: o educador e o prevenir, o autor ressalta a definição de sentido, definindo-o como 'aquilo em que se sustenta a compreensibilidade de alguma coisa, aquilo que pode articular-se na abertura da compreensão'... refere-se, primordialmente, ao modo peculiar do ser humano de cuidar e sentir as coisas do mundo. Para o autor, quando perguntamos sobre o sentido de educar, não estamos somente questionando para qual direção a educação está indo, mas também, de que modo ela está indo para esta direção.

O autor e seus colaboradores entendem que se torna cada vez mais clara a importância de formar o professor para o trabalho de ações redutoras de vulnerabilidades ao uso nocivo de drogas na escola, aproximando o sentido de educar ao sentido de prevenir.

Nas reflexões finais o autor afirma que uma das maiores contribuições alcançadas na elaboração de sua obra, ora resenhada, foi a compreensão de ser impossível acabar com o uso de drogas entre os seres humanos, pois, segundo ele, para acabar com esse uso seria necessário modificar a própria condição ontológica do Homem (a tarefa intransferível de cuidar de seu próprio existir).

Ele salienta que tentou demonstrar que, mesmo trazendo diferenças e avanços no modo de trabalhar a prevenção ao uso nocivo de drogas, a 'prevenção que convive com as diferenças' comete os mesmos equívocos que a proposta proibicionista, ou seja, o citado modelo não assume integralmente a noção de vulnerabilidade, nem a compreensão fenomenológica de que é impossível acabar com o uso de drogas entre os seres humanos. Motivo este que moveu o autor e colaboradores a elaborarem o que chamam de 'Redução de Danos Libertadora'.

### **3 APRECIÇÃO DA OBRA**

Merece respeito e admiração, a dedicação do autor à pesquisa e sua articulação de argumentos para combater e extinguir o modelo proibicionista em relação ao uso de drogas. A disposição dos capítulos, a sequência de ideias e a

metodologia utilizada, acompanham o brilhantismo constatado na originalidade da abordagem do tema.

Entretanto, nas várias passagens da obra onde o autor defende a liberdade de experimentação e uso de drogas, utilizando para tal, a diferenciação entre “padrões de uso” (p.24 e 25) e “modos de uso” (p. 25 e 26), considero a referida tese totalmente maléfica à qualidade de vida do próprio experimentador e/ou usuário, bem como, das demais pessoas (familiares, colegas de trabalho e/ou de escola/faculdade, amigos...) que sofrem com o uso nocivo da droga devido a essa nocividade ser sempre iminente mesmo que na mera experimentação.

Outra parte onde o autor defende a possibilidade de experimentação à droga, pode ser constatada no Capítulo 1 da segunda parte do livro, onde o autor fala sobre a compreensão fenomenológica existencial (p. 62 até 80), de modo que na p. 78 estão bem retratados alguns trechos que ignoram os prejuízos individuais e sociais gerados pelo uso de drogas. Vejamos: “a história da humanidade nos ensina que o uso de drogas é apenas um modo de vida. As pessoas sempre as utilizaram, por motivos os mais diversos, e sem dúvida as seguirá usando” (p. 78).

No último parágrafo da p. 78, o autor reconhece os males do uso da droga ao mesmo tempo em que se utiliza de uma estratégia que considero, no mínimo, equivocada quando ele tenta reforçar sua tese ao afirmar: “... a nosso ver é indiscutível: realmente, o uso de drogas pode causar danos à saúde. Entretanto, existem diversas outras coisas que também podem causar danos à saúde, e que, mesmo assim, continuamos a fazer todos os dias. Tomemos como exemplo a questão da poluição: em última instância, nós a produzimos, já cientes de que ela vai prejudicar não só a nós, mas também, as gerações futuras. Sabemos também que ocorrem, por ano, muitos mais acidentes fatais no trânsito do que em decorrência do uso nocivo de drogas ou de overdose, e, mesmo assim, milhões de pessoas continuam utilizando diariamente seus automóveis” (p.78).

Cuidadosa análise da obra resenhada fará constatar que o proibicionismo pode não estar obtendo total êxito em sua prática, porém, a proposta defendida pelo autor: “Ações Redutoras de Vulnerabilidades” poderá ser, no mínimo, pior, caso essa seja trabalhada separada do modelo proibicionista.

Retomo à citação feita pelo autor: “São muitas as variáveis que operam simultaneamente para influenciar a probabilidade de uma determinada pessoa tornar-se dependente,” (p. 26) para ressaltar que a relação entre o ser humano e as

drogas, mesmo que seja uma relação de 'uso moderado', ainda que a título de mero experimento ou lazer representa iminente risco de fazer com que o experimentador ou usuário se torne dependente da droga usada, podendo, inclusive, chegar às consequências mais graves como a morte de si próprio ou de terceiros que podem ser assassinados em razão da droga.

Logo, está claro que o movimento feito no sentido de extinguir ações proibicionistas para se implantar modelo inverso, que concorde com a experimentação e/ou uso moderado de drogas, é um movimento perigoso e inadequado. Também recorro a p. 29 da obra, onde o próprio autor relatou sobre equívoco ocorrido nos anos 80, quando a má compreensão do modelo de prevenção contra contaminação com o vírus HIV/AIDS, levou pessoas a se verem como imunes ao contágio com a referida doença resultando no aumento de contaminações.

Portanto, considerando seu principal objetivo: extinguir o modelo proibicionista e substituí-lo pelo modelo de Ações Redutoras de Vulnerabilidade, a tese defendida pelo autor pode, desnecessariamente, gerar equivocado entendimento que pode resultar em consequências semelhantes ao exemplo acima citado, podendo chegar a fazer com que crianças, jovens e/ou adultos sejam induzidos a caminhar rumo à citada dependência, adoecimento e/ou morte.

#### **4 INDICAÇÃO DA OBRA**

Obra indicada para cientistas, professores, psicoterapeutas e demais colaboradores que atuam ou desejam atuar com prevenção e/ou tratamento ao uso de drogas, principalmente, para ações direcionadas a crianças e adolescentes.

A indicação da obra se justifica pelo fato de que a mesma apresenta diversas partes que podem ser selecionadas igualmente às partes também selecionadas do modelo de Proibição e Guerra contra as Drogas, para que, juntos, possam alcançar ações que enriqueçam a qualidade das informações e do tratamento às drogas e ao usuário. Ressalto que, objetivando alcançar maior eficiência e eficácia na proteção às pessoas contra danos gerados pelo uso de substâncias psicoativas, os trabalhos devem sempre ressaltar a constante presença da probabilidade de o experimentador ou usuário se tornar dependente da droga experimentada. Com essa postura creio que se poderá alcançar maior qualidade de vida para todos.

**ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA**

**Autor Orientando:** Olivar José Dias

Endereço: Avenida Juscelino Kubitschek de Oliveira, 1220, Cidade Nova.

Patos de Mias/MG

CEP: 38700-156

Telefone de contato: 34.9.99794354

Email: diasolivar@gmail.com

**Autor Orientador:**

Gilmar Antoniassi Junior

Endereço: Avenida Juscelino Kubitschek de Oliveira, 1220, Cidade Nova

Patos de Mias/MG

CEP: 38700-156

Telefone de contato: 34.3814-2803

Email: jrantoniassi@hotmail.com

## DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Patos de Minas, 28 de junho de 2018

---

Olivar José Dias

---

Gilmar Antoniassi Junior



FACULDADE PATOS DE MINAS



### FACULDADE PATOS DE MINAS

Mantenedora – Associação Educacional de Patos de Minas

Portaria de Recredenciamento MEC – DOU N°. 1469 de 10 de Outubro de 2011.

### Departamento de Graduação em Psicologia

#### Curso de Bacharelado em Psicologia

(Formação de Psicólogo)

Curso Reconhecido pela Portaria DIREG/MEC N°. 371 de 30/08/2011, renovado Reconhecimento de Curso pela Portaria DIREG/ME N°. 267 de 03/04/2017, publicado DOU em 04/04/2017, nº. 65, sessão 1, pág. 70-81

*“Como Psicólogo, eu me comprometo a colocar minha profissão a serviço da sociedade brasileira, pautando meu trabalho nos princípios da qualidade técnica e do rigor ético. Por meio do meu exercício profissional, contribuirei para o desenvolvimento da Psicologia como ciência e profissão na direção das demandas da sociedade, promovendo saúde e qualidade de vida de cada sujeito e de todos os cidadãos e instituições.”*

(Juramento do Psicólogo – Conselho Federal de Psicologia)